

O CONCEITO DE REVOLUÇÃO PERMANENTE EM TROTSKI E LENIN

Angelo Segrillo¹

RESUMO: Baseado em uma minuciosa pesquisa nas obras completas de Lenin e Trotski, o artigo traça um histórico do desenvolvimento da teoria da revolução permanente no pensamento destes dois intelectuais comunistas. Analisa as semelhanças e diferenças entre suas concepções e que impacto tiveram estas distintas abordagens teóricas nas atividades políticas de ambos os líderes durante a revolução russa de 1917.

PALAVRAS-CHAVE: Lenin; Trotski; revolução permanente

ABSTRACT: Based upon thorough research in the collected works by Lenin and Trotsky, this article presents an historical account of the development of the theory of permanent revolution according to these two communist thinkers. The author compares/contrasts their conceptions of this theory and how these different theoretical approaches impacted on their political behavior during the 1917 revolution.

PALAVRAS-CHAVE: Lenin, Trotsky, permanent revolution

Aspecto fascinante da Revolução Russa de 1917 foram as relações entre Lenin e Trotski. Companheiros durante a Revolução e inimigos políticos antes dela, o capítulo do desenvolvimento das disputas teóricas entre os dois constitui um ponto de eterna discussão.² No cerne do problema encontra-se a questão da *revolução permanente*. No Ocidente, de

¹ Professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Doutor pela UFF e Mestre pelo Instituto Pushkin de Moscou, é autor dos livros *O Declínio da URSS: um estudo das causas* (Ed. Record, 2000), *O Fim da URSS e a Nova Rússia* (Ed. Vozes, 2000) e *Herdeiros de Lenin: a história dos partidos comunistas na Rússia pós-soviética* (Faperj/letras, 2003). E-mail: segrillo@hotmail.com

² O objetivo deste artigo não é fazer uma revisão bibliográfica sobre a literatura secundária que discute o conceito de *revolução permanente* e sim realizar uma pesquisa profunda nos próprios escritos de Lenin e Trotski para tentar encontrar uma explicação consistente para algumas das contradições ainda não explicadas não apenas entre estes pensadores, mas também para suas aparentes mudanças de pensamento em diferentes épocas. Para isto o autor se valerá de sua experiência de pesquisa de vários anos na Rússia, onde inclusive pôde contar com a vantagem da abertura dos antigos arquivos classificados soviéticos.

modo geral, associada mais diretamente ao nome de Trotski, a teoria da revolução permanente acabou também encontrando um nicho na herança teórica leninista devido às próprias características de compressão temporal da distância entre a Revolução de Fevereiro (democrático-burguesa) e a de Outubro (socialista). Por exemplo, o verbete “Revolução Permanente” (*Permanentnaya Revolyutsiya*) da Enciclopédia Histórica Soviética dizia que

A idéia da revolução permanente foi concebida primeiramente por Marx e Engels no [...] Manifesto Comunista e na Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas [...] Lenin] desenvolveu-a na teoria da transformação da revolução democrático-burguesa em socialista [...] em 1905 (“Duas Táticas da Social-Democracia na Revolução Democrática”, “Relação da Social-Democracia Com o Movimento Camponês”). Estas posições de Lenin em 1905 serviram de base para que ele chegasse, em 1915, à conclusão da possibilidade do socialismo em um só país [no ensaio “Sobre o Slogan dos Estados Unidos da Europa”...]. A teoria marxista-leninista da revolução permanente foi desvirtuada cruamente por Parvus e Trotski, que criaram em 1905 a chamada teoria da “revolução permanente”, na base da qual estava a negação menchevique das possibilidades revolucionárias do campesinato [...] Pela teoria de Trotski, o proletariado sozinho, sem aliados, de uma só vez, poderia derrubar a autocracia e tomar o poder nas mãos [...] Lenin indicou que a teoria de Trotski era semi-menchevista, pois ela “pega emprestado dos bolcheviques o chamado para a luta revolucionária e decidida do proletariado para a tomada pelo poder e emprestado dos mencheviques ... a negação do papel do campesinato”.³ (SIS, vol. 11, p. 43-44)

A idéia original de Marx a que se refere o verbete está contida no seguinte parágrafo da *Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas* (de março de 1850), que procura explicar qual deveria ser a estratégia dos comunistas na Alemanha:

Enquanto os pequeno-burgueses democráticos querem acabar a revolução o mais rápido possível [...] é nosso interesse e nossa tarefa tornar a revolução permanente até que todas as classes exploradoras tenham sido expulsas de sua situação de domínio, até que o proletariado tenha conquistado o poder do Estado e que a associação dos proletários tenha avançado tanto não apenas em um país, mas em todos os países dominantes do planeta

³ A bibliografia utilizada neste artigo está em diversas línguas. Quando a obra original estiver em idioma estrangeiro, fica subentendido que as citações dali extraídas são de tradução do próprio autor.

que a competição entre esses proletários tenha cessado e que as principais forças produtivas estejam concentradas nas mãos dos proletários [...] O grito de guerra deve ser: a Revolução em Permanência. (Marx & Engels, 1961-1971, vol. 7, p. 245-248 e 254)

Trotsky tomaria como base esta passagem de Marx e descreveria sua teoria da revolução permanente aplicada às condições russas da seguinte maneira:

A revolução permanente, no sentido que Marx havia atribuído a esta concepção significa uma revolução que não termina senão com a liquidação total da sociedade de classe [...] É preciso distinguir três categorias de idéias que se unem [...] nessa teoria. Primeiro, ela compreende o problema da passagem da revolução democrática para a revolução socialista [...] Quanto ao seu segundo aspecto, [...] este] caracteriza a própria revolução socialista. Durante um período, cuja duração é indeterminada, todas as relações sociais se transformam no curso de uma luta interior comum. A sociedade muda de pele sem parar. As transformações econômicas, técnicas, científicas, na família, nos modos, nos costumes formam, ao se completarem, combinações e relações recíprocas tão complexas que a sociedade não pode chegar a um estado de equilíbrio. Nisso se revela o caráter permanente da própria revolução socialista. Quanto ao seu terceiro aspecto, a teoria da revolução permanente considera o caráter internacional da revolução socialista, que resulta do presente estado da economia e da estrutura da humanidade. O internacionalismo não é um princípio abstrato: constitui o reflexo político e teórico do caráter mundial da economia, do desenvolvimento mundial das forças produtivas e do impulso mundial da luta de classes. A revolução socialista começa no terreno nacional, mas não pode parar aí. A revolução proletária só pode ser mantida nos quadros nacionais sob a forma de um regime provisório [...] Quando existe uma ditadura proletária isolada, as contradições interiores e exteriores sucedem-se e aumentam inevitavelmente. Se o Estado Proletário permanecer isolado, sucumbirá finalmente, vítima dessas contradições. Sua salvação reside unicamente na vitória do proletariado dos países avançados. Desse ponto de vista, a revolução nacional não constitui uma meta em si, mas apenas um elo da corrente internacional. A revolução internacional, malgrado seus recuos e refluxos provisórios, representa um processo permanente. (Trotsky, 1972, p. 40-44)

Este trecho é de um texto da década de 30, mas Trotsky já havia formulado sua teoria da revolução permanente nos livros “Nossa Revolução” e “Balanço e Perspectivas” de 1906. Neles, insistia na tese

que a incipiente burguesia russa, espremida entre o poder do interventor Estado russo e do capital estrangeiro, era fraca demais para executar as tarefas da sua própria revolução democrático-burguesa e, portanto, o proletariado seria obrigado a completar a realização dessas tarefas. (Trotski, 1979, p. 27-28 e 58) E, uma vez feito isso, o proletariado seria forçado, por conta da própria situação revolucionária, a levar adiante a revolução para a etapa socialista. (*Ibid.*, p. 72-75, onde são dados os exemplos de como a colocação em prática por um partido revolucionário de medidas como as 8 horas de trabalho diário ou o salário-desemprego levariam a *lock-outs* por parte dos patrões, o que forçaria um partido consistentemente socialista, ao invés de recuar, a confiscar estas empresas, o que em si já inicia um processo de estatização ou socialização) O aguçamento da luta de classes por esta passagem à luta pelo socialismo levaria a uma reação tremenda das classes descontentes com o poder operário. A reação seria tamanha que o jovem proletariado russo necessitaria da ajuda do proletariado dos países mais avançados para agüentar a pressão não apenas de todas as classes contra-revolucionárias russas como da burguesia internacional, que tentaria sufocar o nascente poder soviético. Daí a necessidade de que a revolução se espalhasse aos países adiantados. (*Ibid.*, p. 117)

Como assinalou o próprio Stalin, (1946-1951, vol. 8, p. 19) o principal motivo de desacordo intelectual entre Trotski e Lenin (1972-1976, vol. 15, p. 371; *Ibid.*, vol. 21, p. 419) na época se referia, não tanto ao caráter “permanente” e “internacional” da revolução, mas quanto ao papel do campesinato. Enquanto Lenin pregava uma aliança operário-camponesa (sob hegemonia do proletariado) para levar adiante e completar a revolução democrático-burguesa na Rússia (a despeito da fraqueza da burguesia do país), para Trotski (1979, p. 61-62) o campesinato nunca tivera política própria, era vacilante e constituía um aliado pouco confiável para o proletariado: no máximo, poderia ser um parceiro subordinado (fornecendo alguns ministros, por exemplo) em um governo de total hegemonia proletária. Principalmente porque, pela teoria da revolução permanente de Trotski, (1979, p. 70-71 e 102-103) o governo operário seria forçado a passar logo da etapa democrático-burguesa à socialista e, portanto, quaisquer vantagens que o campesinato (como classe pequeno-burguesa) pudesse almejar dentro de uma etapa democrático-burguesa (como, por exemplo, os latifúndios expropriados serem divididos entre pequenos proprietários rurais) se esvairia assim que se passasse à etapa socialista (onde a terra não seria dada à ninguém como propriedade privada).

Não que Lenin (1972-1976, vol. 9, p. 136 e 236-237) não estivesse consciente das possíveis vacilações (dentro da etapa democrático-burguesa da revolução) e mesmo reacionarismo (dentro da etapa socialista) do campesinato. Ao contrário, isto sempre foi apontado por ele em seus escritos. Entretanto, Vladimir Ilitch parecia crer que a etapa democrático-burguesa da revolução seria mais “longa” ou teria maior separação da etapa socialista que Trotski com sua teoria da revolução permanente. Ou seja, haveria na concepção leniniana mais tempo e espaço para que fossem exploradas completamente as possibilidades “progressistas-revolucionárias” do campesinato na etapa democrático-burguesa da revolução, antes que se entrasse na fase socialista em que provavelmente o campesinato (pequenos proprietários rurais) se viraria contra o governo proletário que passaria, então, a contar com o apoio apenas do proletariado rural. (*Ibid.*)

E aí está o centro do problema que quero analisar neste ensaio. A questão de um possível “etapismo” em Lenin em relação à Trotski *no período pré-1917*. Obviamente o termo “etapismo” aqui está utilizado em termos relativos. Etapismo, em seu sentido genérico, refere-se às concepções de que um país atrasado em termos de capitalismo tem que passar por um período suficientemente longo sob um regime burguês para que somente então (após criadas as condições burguesas pré-necessárias) seja realizada a passagem à revolução socialista com a socialização dos meios de produção. Exemplo disso seriam vários dos principais ideólogos mencheviques que consideravam que a Rússia deveria desenvolver-se capitalisticamente primeiro (e mesmo sob domínio da burguesia) antes de tentar o salto ao socialismo.

É claro que nem Trotski nem Lenin podem ser “acusados” de etapismo no sentido descrito acima. Trotski, ao contrário, desde 1906, com sua teoria da revolução permanente, poderia ser até acusado de uma visão demasiado “anarquista” da passagem imediata da fase democrático-burguesa para a socialista. Lenin (1972-1976, vol. 9, p. 103; *Ibid.*, vol. 12, p. 457-458), por sua vez, sempre defendeu a liderança do proletariado, tanto na fase democrático-burguesa quanto (obviamente) na fase socialista. Mas, até antes da primeira guerra mundial, parece notar-se em Lenin (1972-1976, vol. 12, p. 457) uma percepção de que a revolução na Rússia tinha caráter eminentemente burguês e que seria prematuro falar-se de maneira antecipada em pulo para o socialismo. Com a Primeira Guerra Mundial, a internacionalização do conflito, o entrelaçamento cada vez maior das relações (belicistas ou não) entre os povos e a possibilidade do espoucar de situações revolucionárias em vários pontos da Europa parece

aumentar em Lenin (1972-1976, vol. 21, p. 347, 381 e 418) a impressão de que uma situação revolucionária na Rússia poderia levar ao detonamento de revolução socialista na Europa. Finalmente, em 1917 a extrema aceleração dos acontecimentos na Rússia com o estouro da Revolução de Fevereiro e a situação de poder dual (governo provisório-Soviets) levou a que Vladimir Ilitch desembarcasse na Rússia com suas “Teses de Abril” e outros escritos que muitos entenderam como um autêntico chamado para a passagem imediata da etapa democrático-burguesa para a socialista da revolução.

Este desenvolvimento do pensamento estratégico leninista não era visto assim pela historiografia oficial soviética. Segundo esta, a concepção de Lenin de uma revolução “ininterrupta” ou “permanente” (no sentido da transformação relativamente rápida da revolução democrático-burguesa em socialista) não veio em consequência da guerra ou da aceleração dos acontecimentos em 1917, mas já tinha sido formulada por Lenin em 1905. Para provar isso, Stalin, (1946-1951, vols. 6 e 8) em seus ensaios “Questões do Leninismo” e “Fundamentos do Leninismo”, cita as duas passagens seguintes de 1905 de Lenin (respectivamente de “A Relação dos Social-Democratas com o Movimento Camponês” e “Duas Táticas da Social-Democracia na Revolução Democrática”):

Da revolução democrática nós imediatamente começaremos a passar, na medida de nossas forças, as forças do proletariado organizado e consciente, à revolução socialista. Nós somos pela revolução ininterrupta. Nós não pararemos no meio do caminho...

Não caindo no aventurismo, nem traindo nossa consciência científica, nem indo atrás de popularidade barata, nós podemos dizer apenas o seguinte: nós ajudaremos os camponeses com todas as nossas forças a realizar a revolução democrática, para que se torne mais fácil a nós, partido do proletariado, passar o quanto mais rápido à tarefa nova e superior da revolução socialista. (Lenin, 1972-1976, vol.9, p. 236-237)

e

O proletariado deve levar a termo a revolução democrática, trazendo junto de si a massa do campesinato a fim de reprimir à força a reação da autocracia e paralisar a instabilidade da burguesia. O proletariado deve completar a revolução socialista, trazendo junto de si a massa dos elementos semi-proletários da população, a fim de quebrar a força da resistência da burguesia e paralisar a instabilidade do campesinato e da pequena burguesia (Lenin, 1972-1976, vol. 9, p. 100)

Estas duas citações, principalmente a primeira (“somos pela revolução ininterrupta”) parecem indicar de modo inequívoco (ainda mais quando associadas ao comportamento político do autor em 1917) que Lenin, já em 1905, não ficava atrás de Trotski em termos da “revolução permanente” pregada por Marx (principalmente quando juntadas a uma outra citação de caráter similar em seu texto “Revisão do Programa Agrário do Partido do Proletariado” de abril de 1906; Lenin, 1972-1976, vol. 10, p. 191-192)

A situação, entretanto, não é tão simples como se possa depreender destas duas citações de Stalin.

A nível meramente exegético, de citação de trechos de textos, não encontrei na coleção das obras completas de Lenin, entre 1907 e 1914 nenhuma outra passagem que se aproximasse de uma afirmativa tão categórica utilizando o conceito ou a palavra *permanennaya* (“permanente”) ou *nepreryvnaya* (“ininterrupta”) ao qualificar a possível revolução russa. Ao contrário, talvez refletindo a disposição de espírito trazida pelo refluxo da revolução neste período, pode-se apresentar uma série de citações de Lenin em que ele diz claramente que a revolução russa tinha um caráter eminentemente burguês e que qualquer sonho de um “salto no escuro” imediato para o socialismo seria uma apreciação incorreta naquele momento. Por exemplo, Lenin (1972-1976, vo. 12, p. 457-458) no V Congresso do Partido, em 1907, declarou ao criticar a concepção menchevique de que “o proletariado não poderia e não deveria ir além da burguesia russa na revolução burguesa”:

Os bolcheviques tiveram a opinião oposta. Eles defendiam inequivocamente que, em seu conteúdo social e econômico, nossa revolução é burguesa. Isto significa que os objetivos da revolução que está ocorrendo na Rússia não ultrapassam os limites da sociedade burguesa. Mesmo a vitória mais completa da revolução atual, i.e., a realização da mais completa democracia e o confisco de todos as propriedades rurais pelo campesinato, não afetaria a base do sistema social burguês. A propriedade privada dos meios de produção, ou a agricultura privada [...] e a economia de mercadorias continuará [...]

Tudo isto é indubitável para qualquer marxista. Mas daí não advém que a burguesia [...] deva ser] o líder da revolução. [...] Nas condições da Rússia] somente o proletariado é capaz de consumir a revolução [...burguesa]. Mas esta vitória só pode ser alcançada se o proletariado conseguir liderar uma grande parte do campesinato. A vitória da presente revolução [burguesa] na Rússia é possível apenas como a ditadura democrático-revolucionária do proletariado e do campesinato.

Citações igualmente claras sobre o caráter burguês da revolução russa, com colocações da temeridade de se fazer previsões sobre a possibilidade da passagem *imediate* para a revolução socialista foram feitas em diversos outros anos até 1914 (ver por exemplo, citações de 1908, 1910 e 1911, respectivamente, em Lenin, 1972-1976 vol. 15, p. 331-332; *Ibid.*, vol. 17, p. 128; *Ibid.*, vol. 17, p. 128).

Mas o mais surpreendente é notar que, no mesmo texto de 1905 (“Duas Táticas da Social-Democracia na Revolução Democrática”, citado por Stalin) em que Lenin havia falado na passagem da revolução democrática para a socialista, encontra-se uma passagem com sentido aparentemente oposto e mais próximo das citações arroladas no parágrafo acima. Aprovando a resolução tomada pelo partido no III Congresso sobre as tarefas de um governo provisório revolucionário, ele afirmava:

[...] A resolução, ao tornar tarefa do governo provisório revolucionário a implementação do programa mínimo do partido, elimina as idéias absurdas e semi-anarquistas de efetivar imediatamente o programa máximo e a conquista do poder para uma revolução socialista. O grau de desenvolvimento econômico da Rússia (uma condição objetiva) e o grau de consciência de classe e de organização das amplas massas do proletariado (uma condição subjetiva inseparavelmente ligada à condição objetiva) torna impossível a imediata e completa emancipação da classe trabalhadora. Apenas as pessoas mais ignorantes podem fechar os olhos à natureza burguesa da revolução democrática que está ocorrendo agora [...] Em réplica às objeções anarquistas de que nós estamos adiando a revolução socialista, nós dizemos: nós não a estamos adiando, mas tomando os primeiros passos em direção à ela da única maneira possível, ou seja, de uma república democrática (Lenin, 1972-1976, vol. 9, p. 28-29)

Como entender esta aparente contradição? Em uns poucos pontos Lenin diz que é pela revolução “ininterrupta” até a fase socialista e em uma série (bem maior entre 1907 e 1914) de outros declara que a revolução russa tem caráter inequivocamente burguês e que quaisquer idéias de “salto” para a etapa socialista seria indício de pensamento “semi-anarquista”...

Críticos mais cínicos poderiam apontar isto como uma demonstração do “camaleonismo” de Lenin, sua capacidade tática de adaptar a teoria à prática mutante. Eu prefiro avançar uma outra hipótese. E ela tem a ver com as perspectivas diferenciadas de Lenin e Trotski sobre o conceito de “revolução permanente”.

Quanto a Trotski, a situação é bem mais clara. Desde 1906, com a

publicação dos ensaios “Nossa Revolução” e “Balanço e Perspectivas”, ele se comprometera formalmente com uma teoria radical de revolução permanente em que a revolução, para ser eficaz, *tem que* passar da etapa burguesa para a socialista imediatamente, além de se espalhar em escala internacional. O caráter inequívoco e claro desta concepção abriria o flanco de Trotski a ataques posteriores nos anos 20: se a revolução não estava se espalhando pelo mundo nos anos 20, então o que restaria aos bolcheviques fazer?

Lenin, com seu caráter mais prático, mais “pé-no-chão”, mais afinado com as necessidades organizacionais da luta revolucionária, parecia manter uma atitude mais cautelosa do que o intelectualmente impetuoso Trotski. Sem descartar a possibilidade de uma revolução “ininterrupta”, parecia mantê-la como *um dos* possíveis caminhos que a revolução poderia tomar, mas não o único. Tudo dependeria do contexto histórico e da luta de classes. Não é a toa que as duas citações mais diretas de Lenin pela revolução “ininterrupta” sejam de 1905, ano em que a revolta na Rússia estava em ascensão e quando tudo parecia possível. Depois, com o refluxo da revolução em 1906-1912, segue-se avaliações bem mais “moderadas” das possibilidades revolucionárias no país, sumindo as declarações sobre o caráter “ininterrupto” do processo e abundando reflexões sóbrias sobre o caráter eminentemente burguês daquela etapa da luta.

Ou seja, para Lenin, o caráter “ininterrupto” ou não da revolução, ou o ritmo da aproximação entre suas fases democrática e socialista, não poderiam ser fixados *a priori* e dependeriam de uma avaliação correta do equilíbrio de forças da luta de classes no país nos diversos momentos. Isto fica claro mesmo na citação de Lenin acima mais inequívoca a favor da revolução “ininterrupta”. Se a alargarmos um pouco para entender melhor o contexto de 1905 em que Lenin discorria (sobre a possibilidade do campesinato, uma vez resolvidas as tarefas democráticas, vir a se tornar anti-revolucionário), teremos:

[...] Antagonismo de classe entre o proletariado rural e burguesia camponesa é inevitável e nós o mostramos de antemão, explicamo-lo, e nos preparamos para a batalha na base deste antagonismo. Uma das causas imediatas de tal batalha pode ser a seguinte questão: para quem e como será dada a terra confiscada? Nós não encobrimos esta questão, nem prometemos distribuição igualitária, “socialização”, etc. O que dizemos é que esta é uma questão que nós travaremos posteriormente, lutando novamente, em um novo campo e com novos aliados. Lá

certamente estaremos com o proletariado rural, com toda a classe proletária, contra a burguesia camponesa. Na prática isto pode significar a transferência da terra para os pequenos camponeses proprietários (onde as grandes propriedades rurais baseadas em servidão feudal ainda prevalecem, e onde ainda não há condições materiais para a produção socialista de larga escala) ou nacionalização (em caso de vitória completa da revolução democrática) ou ainda as grandes propriedades capitalistas serem transferidas para as *associações de trabalhadores*, pois, a partir da revolução democrática nós imediatamente, de acordo com nossa força (a força do proletariado consciente e organizado), começaremos a passar à revolução socialista. Nós somos pela revolução ininterrupta. Nós não pararemos na metade do caminho. Se nós não prometemos agora e imediatamente todo tipo de “socialização” é porque nós conhecemos as condições reais para que esta tarefa seja cumprida, e nós não encobrimos a nova luta de classe que cresce dentro do campesinato, mas revelamos esta luta.

Inicialmente nós apoiamos o campesinato *en masse* contra os senhores rurais, apoiamos com toda força e meios, inclusive o confisco. Então (o melhor seria dizer, ao mesmo tempo) nós apoiamos o proletariado contra o campesinato *en masse*. Tentar calcular *agora* qual será a combinação de forças dentro do campesinato “no dia seguinte” da revolução (revolução democrática) é um utopianismo vazio. Sem cair em aventureirismo ou ir contra a nossa consciência científica, sem buscar popularidade barata, nós podemos afirmar e afirmamos *apenas uma coisa*: nós faremos todos os esforços para ajudar o campesinato como um todo a conseguir a revolução democrática. a fim de facilitar para nós, o partido do proletariado, passarmos tão rápido quanto possível à nova e superior tarefa: a revolução socialista. (Lenin, 1972-1976, vol. 9, p. 236-237)

Na passagem acima fica claro que Lenin, *a priori*, não prometia nem “socialização” (aspas dele) nem adivinhar de antemão qual seria, na realidade, a “combinação de forças” e o ritmo “do dia seguinte da revolução democrática”. Prometia sim uma luta contínua (“ininterrupta”) para que a revolução, *de acordo com a força* do proletariado, pudesse se processar sempre voltada para a chegada mais rápida *possível* ao socialismo.

Ou seja, enquanto Trotski já dizia “de antemão” que a revolução tinha que ser permanente e internacional (ou não seria uma revolução socialista), Lenin deixava sempre aberta a porta para a ocorrência de outras possibilidades históricas. E, principalmente, pregava uma análise constante da mutante realidade revolucionária para a formulação das estratégias proletárias, ao invés de basear-se em esquemas rígidos *a priori* sobre os caminhos futuros da luta de classes.

Estas análises levaram Lenin a manter um *low profile* em termos de

possibilidades de uma revolução *ininterrupta* na Rússia no período de refluxo da revolução entre 1907 e 1912. Entretanto, o estourar da Primeira Guerra Mundial, a internacionalização do conflito e o acirramento das condições na Rússia devido a estes fatores, fez com que Lenin passasse a conceber como forte a possibilidade da revolução russa acontecer pelo caminho que parecia mais natural dentro das idéias clássicas do marxismo: a explosão da revolução na Rússia servir de sinal para o estouro da revolução socialista no Ocidente avançado.

Esta idéia, muito comum entre marxistas de diversas matizes na época (inclusive bolcheviques), também era antiga em Lenin. Por exemplo, ele declarou no IV Congresso do Partido em 1906:

Eu formularia esta proposição da seguinte maneira: a revolução russa pode conseguir a vitória sozinha, mas não conseguirá se manter e consolidar seus ganhos por suas próprias forças. Não poderá fazer isso a não ser que haja uma revolução no Ocidente. Sem esta condição, a restauração é inevitável [...] Nossa república democrática não tem outras reservas além do proletariado do Ocidente [...] A Rússia do século XX, que está realizando sua revolução burguesa, está cercada de países nos quais o proletariado socialista está completamente preparado às vésperas da batalha final com a burguesia. Se um evento relativamente insignificante como a promessa de 17 de outubro do czar de liberdade na Rússia deu o poderoso ímpeto que deu ao movimento proletário na Europa ocidental, se um telegrama de São Petersburgo anunciando o notório Manifesto Constitucional foi suficiente para fazer os trabalhadores austríacos saírem às ruas [...] vocês podem imaginar o que o proletariado socialista internacional fará quando receber notícias da Rússia, não com promessas de liberdade, mas com o feito real, a completa vitória [...](Lenin, 1972-1976, vol. 10, p. 280-281)

Se Lenin já encarava a situação nestes termos em 1906, o período da I Guerra Mundial seria marcado por uma série de textos do líder socialista afirmando crescer a possibilidade de uma revolução de caráter democrático na Rússia que poderia servir como detonador da revolução socialista no Ocidente. Numa série de escritos em 1914-1915 (“Rascunho da Resolução Proposta pelos Social-Democratas de Esquerda para a Primeira Conferência Internacional Socialista”, “A Derrota da Rússia e a Crise Revolucionária”, “Sobre as Duas Linhas na Revolução”) ele afirmava:

A guerra imperialista está introduzindo a época de revolução social [...] Em face da crise revolucionária na Rússia, que está sendo acelerada pela

derrota [militar...] nosso partido preservará o slogan de “transformar a guerra imperialista em guerra civil”, i.e., o slogan da revolução socialista no Ocidente [...] O proletariado [russo] deve manter uma batalha constante contra o chauvinismo, uma batalha em aliança com o proletariado *europeu* por uma revolução socialista na Europa [...] Aqui jaz a fundação objetiva da completa possibilidade de vitória da revolução democrática na Rússia. E não há razão para provarmos que as condições objetivas na Europa Ocidental estão maduras para uma revolução socialista; isto era admitido antes da guerra por todos os socialistas influentes em todos os países avançados (Lenin, 1972-1976, vol. 21, p. 347, 381 e 418-419)

Ou seja, numa série de escritos durante a guerra, mas já antes de 1917, Lenin parecia bastante otimista quanto às possibilidades de uma revolução (democrática) na Rússia, mas tendia a vê-la como uma possível detonadora da revolução socialista na Europa.

Foi em 1917, com a aceleração extrema dos acontecimentos políticos na Rússia (revolução de fevereiro já tendo ocorrido, poder dual governo provisório-Soviets, etc.) que Lenin passou a constatar a possibilidade real de uma revolução ininterrupta.

Uma percepção bastante comum é que este corte se deu com as famosas “Teses de Abril”: nelas, assim como em seu famoso discurso de chegada na Rússia (na praça da estação ferroviária Finlândia de Petrogrado) no dia 3 de abril de 1917, Lenin teria proposto já a passagem da revolução de sua etapa democrático-burguesa para a socialista. Na verdade, não era bem assim. Vejamos as próprias palavras de Lenin nas Teses:

2) O traço específico da situação atual na Rússia é que o país está passando do primeiro estágio da revolução (que, devido à insuficiente organização e conscientização de classe do proletariado, colocou o poder nas mãos da burguesia) ao segundo estágio, que colocará o poder nas mãos do proletariado e das camadas mais pobres do campesinato [...]

3) Nenhum apoio ao governo provisório [...]

[4)...] As massas precisam ver que os Soviets de Deputados dos Trabalhadores são a *única forma possível* de governo revolucionário [...]

5) Não uma república parlamentar, [...] mas uma república de Soviets de Deputados de Operários, Trabalhadores Rurais e Camponeses [...]

8) Não é nossa tarefa *imediata* “introduzir” o socialismo, mas apenas colocar a produção social e a distribuição de produtos sob *controle* dos Soviets de Deputados dos Trabalhadores [...] (Lenin, 1972-1976, vol. 24, p. 22-24)

Assim, o segundo estágio da revolução (democrática) a que se referia Lenin não significava a introdução imediata do socialismo e sim fazer com que o controle e hegemonia do processo revolucionário passasse exclusivamente para o proletariado (na forma dos Soviotes) ao invés de ficar dividido com a burguesia do governo provisório.

Uma das razões que leva o autor deste ensaio a crer que a posição de Lenin sobre a possibilidade de uma revolução “ininterrupta” não era tão inequívoca (já em 1905), como querem fazer crer as passagens de Stalin e da Enciclopédia Histórica Soviética acima citadas, é o fato de que houve resistência às Teses de Abril de Lenin dentro do próprio partido bolchevique: Kamenev escreveu artigo contra isso e alguns bolcheviques chegaram a acusar Lenin de “trotskismo” ao tentar “forçar” a passagem de um etapa a outra da revolução.⁴ Lenin respondeu a estas críticas em suas “Cartas sobre Tática”:

“Quanto ao esquema geral do camarada Lenin,” escreve o camarada Kamenev, “ele nos parece inaceitável já que parte da pressuposição de que a revolução democrático-burguesa está *completa* e aponta para a transformação imediata da revolução em revolução socialista.”
Aqui há dois erros.

Primeiro. A questão da “completitude” da revolução democrático-burguesa está colocada erradamente [...]

A realidade nos mostra tanto a passagem do poder às mãos da burguesia (uma revolução democrático-burguesa do tipo usual) e, lado a lado com o governo real, a existência de um governo paralelo que representa a “ditadura revolucionário-democrática do proletariado e do campesinato”. Este “segundo governo” cedeu, ele mesmo, o poder à burguesia, se acorrentou ao governo burguês.

⁴ Deutscher, 1968, p. 278. O fato da posição de Lenin nas “Teses de Abril” de 1917 ter recebido críticas de “trotskismo” dentro do próprio partido bolchevique, certas afirmações do próprio Stalin (1946-1951, vol. 8, p. 20; *Ibid.*, vol. 6, p. 101: “alguns camaradas [bolcheviques erroneamente] pensam que Lenin [...] chegou à idéia da revolução permanente após a guerra imperialista [...], que antes disso ele achava que a revolução na Rússia se manteria no quadro da revolução burguesa [...] dizem que estas afirmações chegaram a vir a luz na imprensa comunista”), além da ausência de referências de Lenin à “revolução ininterrupta” no período 1907-1913 reforçam a opinião de que as referências de 1905 de Lenin à revolução ininterrupta não significavam que uma abordagem “permanentista” (no sentido de passagem rápida ou imediata da fase democrático-burguesa à socialista) da revolução fosse uma característica enfatizada e consolidada do leninismo e do bolchevismo no período pré-guerra. Sobre isso, também fornece pistas algumas passagens no texto “A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky” de Lenin (1972-1976, vol. 28, p. 299-300).

Esta realidade está coberta pela velha fórmula bolchevique do Camarada Kamenev que diz que “a revolução democrático-burguesa não está completa”?

Não, não está. A fórmula está obsoleta. É inútil. Está morta. É inútil tentar revivê-la[...]

[...] Os slogans e idéias bolcheviques *em geral* foram confirmados pela história, mas *concretamente* as coisas se passaram *diferentemente*: elas são mais originais, mais peculiares, mais variadas que qualquer um poderia esperar

[...] A ditadura democrático-revolucionária do proletariado e do campesinato *já se tornou* uma realidade.

[...] Isto me traz ao segundo erro no argumento do camarada Kamenev citado acima. Ele me critica, dizendo que meu esquema aponta para a transformação imediata da revolução [democrático-burguesa] em revolução socialista.

Isto é incorreto. Eu não apenas não aponto para a transformação imediata da nossa revolução em socialista como, na verdade, adverti contra isso quando na tese número 8 eu afirmo: “Não é nossa tarefa imediata “introduzir” o socialismo...”

[...] Eu “aponto” apenas para o seguinte [...] Eu estou convencido que os Sovietes tornarão a atividade independente das *massas* uma realidade mais rapidamente e efetivamente que uma república parlamentar [...] Eles decidirão mais efetivamente, mais praticamente e mais corretamente quais *passos* podem ser tomados em direção ao socialismo e como estes passos devem ser tomados. Controle sobre os bancos, a fusão dos bancos em um, não é ainda socialismo, mas são um *passo em direção* ao socialismo. Hoje estes passos estão sendo tomados na Alemanha pelos Junkers e burguesia contra o povo. Amanhã o Soviete será capaz de tomar estes passos mais efetivamente para o benefício do povo se todo o poder do Estado estiver em suas mãos. (Lenin, 1972-1976, vol. 24, p. 44, 50 e 52-54)

Ou seja, mesmo nas Teses de Abril, Lenin tinha uma visão cautelosa da “passagem ao socialismo” pregando uma busca incessante *naquela direção*, mas sem concepções fechadas *a priori* sobre isso e com análises constantes da realidade concreta.

A teoria sempre relacionando-se à prática concreta. Este parece o fio condutor leninista.

A própria prática histórica imporia o desenvolvimento da revolução russa e da atitude leninista para com ela. Com a aceleração dos acontecimentos revolucionários e a dinâmica da própria Revolução de Outubro, tornava-se visível a todos que aquela era uma revolução de

caráter socialista. Isto foi claramente colocado em um dos principais textos de Lenin no “dia seguinte da revolução” (“As Tarefas Imediatas do Governo Soviético”, de abril de 1918) em que ele comentava

[...] a distinção entre as prévias revoluções burguesas e a revolução social atual.

Em revoluções burguesas a tarefa principal das massas do povo trabalhador era o trabalho negativo ou destrutivo de abolir o feudalismo, monarquia e medievalismo [...]

Em toda revolução socialista, entretanto (e, conseqüentemente na revolução socialista que nós começamos na Rússia a 25 de outubro de 1917), a tarefa principal do proletariado, e dos camponeses pobres por ele liderado, é o trabalho positivo ou construtivo de estabelecer um sistema extremamente intrincado e delicado de novas relações organizacionais extensivo à produção e distribuição planejada dos bens requeridos pela existência de dezenas de milhões de pessoas [...] A principal dificuldade está na esfera econômica, a saber, a introdução de uma contabilidade estrita e universal e o controle da produção e distribuição de bens, aumentando a produtividade do trabalho e *socializando* a produção *na prática*. (Lenin, 1972-1976, vol. 27, p. 238-241)

A prática histórica veio determinando ao longo do tempo as análises políticas leninianas. Na opinião do presente autor foi também determinante nas relações entre Lenin e Trotski em 1917. Adversários teóricos no período 1904-1916, o desenrolar dos acontecimentos de 1917 acabaria por aproximá-los tanto em termos práticos como *teóricos*. Por um lado, Trotski (1979a, p. 12) se convenceria da superioridade das concepções organizacionais partidárias leninistas (e se juntaria aos bolcheviques). Por outro lado, a própria dinâmica histórica de 1917, com a aceleração dos acontecimentos revolucionários, a rápida transformação da revolução democrático-burguesa em socialista, a rápida ascensão ao poder *exclusivo* do partido do proletariado revolucionário (e igualmente rápida exclusão dos partidos camponeses) parecia seguir um padrão enfatizado previamente bem mais por Trotski (“revolução permanente”) que por Lenin.

A prática histórica, em 1917, acabou unindo os dois gigantes intelectuais socialistas. Trotski se curvou à concepção organizacional-partidária de Lenin e este, a partir de sua volta à Rússia em abril de 1917, não se esquivou de adotar propostas tático-estratégicas que se assemelhavam a concepções tradicionalmente associadas com a teoria da revolução permanente de Trotski.

Bibliografia

DEUTSCHER, Isaac. *Trotski: o profeta armado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

LENIN, V. I. *Collected Works*. Moscou: Progress Publishers, 1972-1976. 45 vols.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. *Marx-Engels Werke* ["Obras de Marx-Engels"] (MEW). Berlim: Dietz, 1961-1971. 41 vols.

Sovetskaya Istoricheskaya Entsiklopediya ["Enciclopédia Histórica Soviética"]. Moscou: Izdatel'stvo "Sovetskaya Entsiklopediya", 1961-1976. 16 vols.

STALIN, I.V. *Sochineniya* ["Obras"]. Moscou: Gosudarstvennoe Izdatel'stvo Politicheskoi Literatury, 1946-1951. 13 vols.

TROTSKI, Leon. *Balanço e Perspectivas*. Lisboa: Edições Antídoto, 1979.

TROTSKI, Leon. Prefácio da Edição Russa de 1919. In: TROTSKI, Leon. *Balanço e Perspectivas*. Lisboa: Edições Antídoto, 1979a. P. 9-16.

TROTSKI, Leon. *La Revolution Permanente*. Paris: Gallimard, 1972.